



A TRILOGIA “ALÉM DOS MUROS”: A ESCRITA HÍBRIDA DE CAIO FERNANDO

ABREU

Sueila Norberto de Paula PEREIRA(UEMS)¹
Susylene Dias de ARAUJO (UEL)²

Resumo: Este artigo analisa a escrita híbrida de Caio Fernando Abreu nas cartas/crônicas no livro *Pequenas Epifanias*, publicado em 2006 pela editora AGIR. Focando nas obras "A primeira carta além dos muro, A segunda carta além dos muros e A última carta além dos muros (2006), que combina os gêneros literários de crônica e escrita do eu. O objetivo é compreender como essa fusão enriquece suas narrativas, estabelecendo uma conexão íntima e afetiva com os leitores. A escrita sincera e reflexiva de Abreu convida os leitores a compartilharem suas inquietações e pensamentos. Além disso, investigaremos como essa abordagem transcende limites temporais e espaciais, abordando questões atemporais e universais. A habilidade do autor em entrelaçar o particular com o universal torna suas narrativas acessíveis a leitores de diferentes contextos, promovendo empatia e identificação. Assim, este artigo valoriza a contribuição de Caio Fernando Abreu para a literatura brasileira, destacando a relevância de sua escrita híbrida como forma de resistência e subversão, conectando-se de maneira significativa com seus leitores.

Palavras-chave: Caio Fernando Abreu. Escrita híbrida. Gênero carta. Gênero crônica. Literatura brasileira contemporânea.

Abstract: This article examines the hybrid writing of Caio Fernando Abreu in the letters/chronicles found in the book *Pequenas Epifanias* (2006), published by AGIR. Focusing on the works *A primeira carta além dos muro*, *A segunda carta além dos muros*, and *A última carta além dos muros* (2006), the author combines the literary genres of chronicle and self-writing. The objective is to understand how this fusion enriches his narratives, establishing an intimate and emotional connection with the readers. Abreu's sincere and reflective writing invites readers to share their own concerns and thoughts. Moreover, we will investigate how this approach transcends temporal and spatial boundaries, addressing timeless and universal themes. The author's ability to intertwine the personal with the universal makes his narratives accessible to readers from diverse backgrounds, fostering empathy and identification. Therefore, this article values Caio Fernando Abreu's contribution to Brazilian literature, emphasizing the relevance of his hybrid writing as a form of resistance and subversion, forging a meaningful connection with his readers.

Keywords: Caio Fernando Abreu. Hybrid writing. Letter genre. Chronicle genre. Contemporary Brazilian literature.

¹ Mestranda em Letras na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, UEMS, Brasil. E-mail: sueila.np@gmail.com.

² Doutora em Letras pela Universidade Estadual de Londrina, UEL, Brasil. Pós-Doutorado na Universidade Estadual de Londrina, UEL, Brasil. E-mail: susylene@uems.br.



1. Introdução

A obra de Caio Fernando Abreu, renomado escritor brasileiro, é marcada por sua escrita ousada e cativante, que rompe com os limites dos gêneros literários convencionais. O objetivo deste artigo é aprofundar a compreensão da escrita híbrida de Caio Fernando Abreu, focando na análise das cartas/crônicas presentes no livro *Pequenas Epifanias*, publicado pela editora AGIR no ano de 2006, especificamente as obras *A primeira carta além dos muros*, *A segunda carta além dos muros* e *A última carta além dos muros*.

Nessa investigação, buscaremos explorar como o entrelaçamento dos gêneros literários enriquece essas obras, potencializando a expressão do eu e a abordagem de temas universais. A combinação da crônica, que tradicionalmente se pauta por relatos cotidianos e perspectivas pessoais, com a escrita do eu, que se aprofunda nas experiências e emoções do autor, confere uma camada de autenticidade e intimidade às narrativas de Caio Fernando Abreu.

A análise das cartas/crônicas nos permitirá perceber como o autor utiliza essa fusão de gêneros para estabelecer uma conexão profunda e afetiva com seus leitores. Através de sua escrita sincera e reflexiva, Caio Fernando Abreu nos convida a adentrar em seu universo íntimo, compartilhando pensamentos, anseios e inquietações que ecoam nas nossas próprias vivências.

Ademais, através dos instrumentos de análise, pretendemos reconhecer como a escrita híbrida de Caio Fernando Abreu é capaz de transcender os limites do tempo e do espaço, tratando de questões atemporais e universais. A habilidade do autor em entrelaçar o particular com o universal enriquece suas narrativas, possibilitando que leitores de diferentes contextos se identifiquem e se emocionem com suas histórias.

Portanto, este artigo se propõe a explorar a escrita híbrida, buscando compreender como essa abordagem singular contribui para a construção de uma obra literária marcante e impactante. Aprofundar nossa análise sobre a fusão dos gêneros literários utilizada por Caio Fernando Abreu nos permitirá apreciar e valorizar ainda mais sua rica contribuição para a literatura brasileira e o estabelecimento de uma conexão íntima e atemporal com seus leitores.

Dessa forma, nossa pesquisa destaca-se pela busca incessante em compreender como Caio Fernando Abreu, um autor pertencente ao conjunto da literatura brasileira contemporânea, utiliza o hibridismo dos gêneros literários como uma forma expressiva de construção de sua narrativa.



2. A Vida de Caio Fernando Abreu: do “Chão ao Céu”

Caio Fernando Loureiro de Abreu nasceu em Santiago do Boqueirão, RS, no dia 12 de setembro de 1948, em uma região rural próxima à fronteira com a Argentina. Aos 14 anos, iniciou sua trajetória na literatura e ganhou destaque ao vencer um concurso escolar com o conto A maldição dos Sant-Marie, mesmo sendo repleto de clichês inspirados em radionovelas e fotonovelas (DIP, 2011, p. 107-108).

Mudando-se para Porto Alegre aos 16 anos para estudar, Caio logo abandonou os cursos no Instituto Porto Alegre (IPA) e na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), desiludido com a rotina padronizada.

Em 1966, sua primeira publicação ocorreu na revista Cláudia com o conto O príncipe Sapo. Em seguida, tornou-se redator da revista Veja, onde publicou seu livro de contos Três Tempos Morto (1968). Após ser demitido da Veja devido às suas manifestações contra a ditadura militar, buscou abrigo na Casa do Sol, em Campinas (SP), propriedade da escritora Hilda Hilst, onde escreveu Inventário do Irreversível (1970).

Em 1971, mudou-se para o Rio de Janeiro e lançou seu romance Limite Branco. De volta a Porto Alegre, trabalhou como jornalista no Zero Hora, mas enfrentou desafios devido à sua aparência peculiar. Realizou seu sonho de viajar pela Europa em 1973 e, durante a viagem, escreveu os contos reunidos no livro Ovelhas Negras.

Ao longo dos anos 1970, Caio manteve-se no jornalismo, e em 1982, obteve grande sucesso com o livro Morangos Mofados, que abordava não apenas o contexto histórico do país, mas também dava voz aos silenciados pela ditadura. Obras como Triângulo das Águas e Pedras de Calcutá também foram muito bem recebidas.

Em 1994, Caio foi diagnosticado com HIV, mas isso não o impediu de continuar escrevendo e se envolvendo publicamente. Com coragem, assumiu sua condição e tornou-se um "escritor positivo" (DIP, 2011, p. 421). A luta contra a doença durou até 1996, quando Caio Fernando Abreu faleceu em 25 de fevereiro.

Sua vida foi uma jornada de exploração literária, autoconhecimento e expressão destemida, deixando um legado que continua a inspirar e tocar leitores até os dias atuais.



3. A Crônica como Parte das “Escritas do Eu”

A crônica literária brasileira, embora por vezes rotulada como *gênero menor*, revela-se uma expressão rica e humanizadora ao se aproximar das vivências cotidianas e abordar temas universais com sensibilidade.

Por meio dos assuntos, da composição aparentemente solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de todo o dia. Principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural. (CANDIDO, 1992, p.13)

Antonio Candido, em suas reflexões sobre o tema, enfatiza que a crônica se adapta à sensibilidade do dia a dia e elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural. Essa linguagem próxima à realidade cotidiana estabelece um canal de comunicação entre o leitor e a narrativa, permitindo uma maior identificação e empatia com as situações retratadas.

Ao explorar o caráter despretensioso da crônica, Candido destaca que, mesmo em sua aparente simplicidade, ela pode revelar profundidades significativas:

Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitada. Ela é amiga da verdade e da poesia nas suas formas mais diretas e também nas suas formas mais fantásticas, - sobretudo porque quase sempre utiliza o humor (CANDIDO, 1992, p. 14).

Através de uma abordagem leve e humorística, a crônica consegue desnudar aspectos da realidade que, muitas vezes, passam despercebidos em outros gêneros literários mais grandiosos e solenes.

A crônica, apesar de não ser originariamente concebida para o ambiente acadêmico, alcança um alcance duradouro e uma relevância surpreendente. Candido ressalta que a crônica é associada ao jornalismo e à efemeridade da vida diária, mas, de forma surpreendente, seu poder de comunicação e impacto pode resistir à passagem do tempo:

Por isso mesmo consegue quase sem querer transformar a literatura em algo íntimo com relação à vida de cada um, e quando passa do jornal ao livro, nós verificamos meio espantados que a sua durabilidade pode ser maior do que ela própria pensava (CANDIDO, 1992, p. 15).

A história da crônica literária brasileira é marcada por um processo de evolução e consolidação ao longo dos anos. Originariamente conhecida como "folhetim", essa forma



literários. Gradualmente, a crônica encurtou-se e assumiu uma forma mais leve e descompromissada, distanciando-se de uma lógica argumentativa para penetrar no universo poético e lírico.

A relevância da crônica literária brasileira não se restringe apenas ao seu papel como gênero literário, mas também à sua capacidade de humanizar, aproximando-se das pessoas e da vida comum. Segundo Candido, nós vemos, em muitas crônicas, um traço comum: deixando de ser comentário mais ou menos argumentativo e expositivo para virar conversa aparentemente fiada, foi como se a crônica pusesse de lado qualquer seriedade nos problemas. A partir dessa abordagem leve e informal, a crônica pode atingir a sensibilidade do leitor, fazendo-o refletir sobre a complexidade e beleza presentes nas experiências cotidianas.

Ao longo do século passado, a crônica brasileira amadureceu e encontrou sua forma definitiva. Escritores como Mário de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, Fernando Sabino e Paulo Mendes Campos foram essenciais para consolidar e aprimorar esse gênero tão apreciado pelos leitores brasileiros. Cada um desses autores trouxe sua voz e estilo particulares, mas todos compartilhavam da mesma comunhão que a crônica estabelece com seus leitores.

A simplicidade, brevidade e graça próprias da crônica são destacadas por Candido como elementos essenciais para a comunicação efetiva com o leitor.

[...] há um traço comum: deixando de ser comentário mais ou menos argumentativo e expositivo para virar conversa aparentemente fiada, foi como se a crônica pusesse de lado qualquer seriedade nos problemas. Mas observem bem as deste livro. É curioso como elas mantêm o ar despreocupado, de quem está falando coisas sem maior consequências; e, no entanto, não apenas entram fundo no significado dos atos e sentimentos do homem, mas podem levar longe a crítica social. (CANDIDO, 1992, p. 17-18)

Essa comunicação se estabelece em um tom de *conversa aparentemente fiada*, mas que traz em si uma riqueza de significados e reflexões. Através de uma linguagem leve e acessível, a crônica comunica verdades profundas e nos faz amadurecer nossa visão de mundo.

Dentre os diversos escritores que se destacaram na produção de crônicas no Brasil, destaca-se Caio Fernando Abreu. Sua obra é um exemplo significativo de como esse gênero literário pode ser explorado de forma profunda e pessoal. Caio Fernando Abreu, ao longo de sua carreira, construiu crônicas que abordam temas diversos, desde questões sociais até as nuances do amor e das relações humanas.

Em suas crônicas, Caio Fernando Abreu revela a alma humana em suas angústias, desejos e anseios, conectando-se intimamente com seus leitores. Assim como destaca Candido



(1992), as crônicas de Caio Fernando Abreu estabelecem uma linguagem que fala de

nosso modo de ser mais natural, tornando-se um retrato vivo das experiências e emoções que compartilhamos como seres humanos.

Ao utilizar o humor como ferramenta narrativa, Caio Fernando Abreu consegue desnudar a realidade de forma sensível e profunda. Como afirma Candido (1992), a crônica é amiga da verdade e da poesia, e essa amizade se manifesta nas narrativas do autor. Ele transita entre a leveza e a densidade, entre o cômico e o melancólico, criando um mosaico de sensações que tocam o coração do leitor.

A crônica, embora muitas vezes associada ao jornalismo e à efemeridade do dia a dia, adquire um caráter duradouro na obra de escritores como Caio Fernando Abreu. Suas crônicas, inicialmente publicadas em jornais e revistas, ganham nova vida ao serem reunidas em livros, permitindo que suas palavras resistam ao tempo e permaneçam como registros literários de valor inestimável.

No contexto acadêmico, a análise das crônicas de Caio Fernando Abreu oferece uma oportunidade ímpar de compreender a complexidade da sociedade brasileira em diferentes períodos. Suas palavras são um espelho do seu tempo, refletindo as transformações sociais, políticas e culturais que marcaram o Brasil ao longo das décadas.

Portanto, ao explorar a crônica como parte das escritas do "EU", mergulhamos em um universo literário rico e cativante. O gênero, que à primeira vista pode parecer simples e despretensioso, revela-se como uma poderosa ferramenta de conexão com a alma humana e a realidade que nos cerca. E é na obra de Caio Fernando Abreu, entre tantos outros escritores, que encontramos um verdadeiro tesouro de crônicas que nos desafiam a refletir, emocionar e compreender nossa própria existência.

Em suma, a crônica brasileira é uma forma literária singular, que se destaca por sua proximidade com o cotidiano e sua capacidade de humanizar a experiência. Ao abordar temas triviais e utilizar uma linguagem aparentemente simples, ela se revela uma poderosa ferramenta de reflexão e entretenimento. Seus escritores, guiados pela sensibilidade e pela maestria, conquistaram leitores fiéis ao longo dos anos e deixaram um legado significativo na literatura brasileira.

3.1. A Crônica e o Narrador: do Jornal ao Livro

Conforme demonstramos no item anterior deste trabalho, a crônica se define como um gênero utilizado para narrar questões cotidianas, além de uma escrita direta que acompanha a

Revista de Estudos Acadêmicos de Letras, vol. 16 nº 01 (2023): e11663

ISSN: 2358-8403

DOI: <https://doi.org/10.30681/real.v16.11663>



gênero que nos remetem, por exemplo, a delimitar a função do narrador e dos espaços de circulação da crônica, itens que agora passaremos a elucidar.

A respeito do narrador, Jorge de Sá (1989) refere-se a Pero Vaz de Caminha como o primeiro cronista que narra as belezas do nosso país para D. Emanuel e mesmo “na linguagem dos “descobridores” (SÁ,1989, p. 5) o gênero cronista é predominante no documento hoje conhecido como Carta do Descobrimento do Brasil. Desta forma, podemos dizer que Pedro Vaz de Caminha foi o primeiro narrador cronista de nossa literatura. E para tal função, não devemos confundir a crônica com o conto, gênero que “tem uma densidade específica” (SÁ,1989, p.7) e deixar claro que, no ponto em que se aproximam, a extensão, a crônica conserva a marca de um registro de circunstância feito por um narrador que comporta quase como um repórter relatando um fato que vai além de um destinatário específico e tenta atingir leitores prontos a formar um público específico.

Na sequência de suas observações Jorge de Sá esclarece que o público leitor ao qual a crônica se dirige define-se como um grupo ou classe que prefere o jornal ou veículo em que o escrito segue publicado e assim,

[...] a ideologia do veículo corresponde ao interesse dos seus consumidores, direcionados pelos proprietários do periódico e/ou pelos editores-chefes de redação. Ocorre ainda o limite de espaço, uma vez que a página comporta várias matérias, o que impõem a cada uma delas um número restrito de laudas, obrigando o redator a explorar da maneira mais econômica possível o pequeno espaço de que dispõe. É dessa economia que nasce sua riqueza estrutural. (SÁ,1989, p.8)

Como podemos perceber o público relacionado a crônica, embora limitado, fica marcado pelo quesito da preferência, o que certamente garante um tipo de fidelidade entre veículo e leitor.

De acordo com o que temos demonstrado, a crônica surgiu nas páginas dos folhetins e chegou aos jornais trouxe liberdade ao cronista, que passou a tratar de temas do cotidiano cobertos de casualidades. Ocorre que para a crônica, a temática que a sustenta não tem o peso necessário à sustentação de outros gêneros como o conto, o romance e a poesia. Porém sua simplicidade não a deixa a margem em relação aos outros gêneros. A aparente simplicidade da crônica nasce pelo fato dela ser contemplada nas páginas dos jornais, onde as notícias evidenciadas têm validade por um dia; a crônica percorre este mesmo caminho ao acompanhar os leitores apressados com os afazeres diários, pessoas que desejam informações rápidas e objetivas, característica que iguala a rapidez do gênero com a rotina de seu público alvo.



que fazem o gênero circular, destacando-se nesse contexto, a expansão da internet e das redes sociais. Outro fator de propagação e preservação do gênero está nos estudos firmados pelos artigos acadêmicos, dissertações e teses nos quais o trabalho com o gênero tem despertado o interesse dos pesquisadores. Destacamos desse conjunto o trabalho do professor José Carlos Santos Simon, da Universidade Estadual de Londrina-PR, orientando trabalhos de pesquisa sobre o gênero e buscando importantes reflexões sobre o tema:

O trabalho com a crônica nos diversos níveis do ensino (fundamental, médio e superior) é algo que não deve ser descartado. O fato de ser a crônica um texto curto já constitui um trunfo para diversas situações pedagógicas em que o professor não dispõe de tempo para recorrer a textos mais longos. Além disso, não se trata meramente e apenas de um texto curto. Os assuntos abordados nas crônicas são muito variados: mulher, amor, cidade, infância, política são alguns dos temas usados e abusados pelos cronistas. Há, ainda, uma farta produção de textos que tratam do próprio fazer poético, do cotidiano do escritor e da ambiguidade experimentada pelo cronista entre o meio jornalístico e o universo literário. (SIMON, 2007, p.22)

3.2. O Gênero Carta como Memorialística do EU

O gênero carta será utilizado para análise do *corpus*, uma vez que nosso trabalho tem por objetivo o hibridismo entre carta e crônica na obra de Caio Fernando Abreu. Assim, abordaremos a carta como uma expressão memorialística do eu, explorando sua relevância histórica, social e cultural na construção das identidades individuais e coletivas ao longo dos tempos.

Inicialmente, apresentaremos a definição do gênero carta, conforme estabelecida por Ana Christina Souto Maior (2001) em seu artigo *O gênero carta - variedade, uso e estrutura* de 2001 para, em seguida, aprofundarmos sua importância como testemunho histórico, expressão da identidade e construção da memória coletiva.

Antes de adentrarmos nas dimensões mais profundas da carta como memorialística do eu, é primordial compreendermos sua definição enquanto gênero literário. Souto Maior (SOUTO MAIOR, 2001, p. 4) conceitua a carta da seguinte forma: “um gênero epistolar que possui características específicas, incluindo saudação, corpo do texto e despedida, adaptando-se a diferentes contextos e finalidades.” Ela se caracteriza por apresentar uma estrutura específica, que inclui saudação inicial, corpo do texto com o conteúdo da mensagem e despedida, podendo conter também elementos como data, local e assinatura do remetente.



tais como comunicar informações, expressar sentimentos, estabelecer laços afetivos, trocar conhecimentos e registrar acontecimentos cotidianos.

A carta, como testemunho histórico, desvela-se como um registro íntimo das experiências individuais, permitindo aos autores expressarem pensamentos profundos e sinceros sobre sua época. Conforme mencionado por Anderson (2006) apud Souto Maior (SOUTO MAIOR, 2001, p. 8) "[...] ela constitui uma fonte ímpar para compreendermos a subjetividade dos indivíduos em determinado contexto histórico." Ao analisarmos cartas de figuras proeminentes do passado, como líderes políticos, artistas ou intelectuais, somos agraciados com informações valiosas acerca de decisões cruciais, conflitos marcantes e detalhes que influenciaram importantes eventos históricos.

Ao escrever uma carta, o indivíduo transcende o papel de mero comunicador e se torna um autor-autoridade de seu próprio eu. As correspondências pessoais proporcionam um espaço ímpar para a expressão das emoções, anseios e pensamentos mais profundos. Como afirma Pardo (2010) apud Souto Maior (SOUTO MAIOR, 2001, p. 8): "A carta é um ato de profunda autenticidade, onde o sujeito expõe parte de sua alma, permitindo-se ser compreendido em sua singularidade." Nesse contexto, a carta ganha uma dimensão memorialística, preservando não apenas o momento de sua criação, mas também fragmentos da subjetividade do remetente.

Além de expressar a individualidade, a carta também desempenha um papel relevante na construção da memória coletiva de uma comunidade ou sociedade. Conforme salientado por LEJEUNE (2008,p.254): "A carta é um testemunho da memória coletiva, registrando as interações e vivências de uma sociedade em um determinado momento histórico."

As cartas trocadas entre membros de uma família, por exemplo, guardam histórias e tradições transmitidas de geração em geração. Da mesma forma, as correspondências entre soldados em períodos de guerra documentam experiências traumáticas e a solidariedade entre os combatentes. Esses testemunhos são essenciais para compreender o impacto de eventos históricos na vida das pessoas comuns, permitindo a reconstrução da história a partir de uma perspectiva mais humana e individual.

3.3. A Importância da Carta na Experiência Autobiográfica

Ao analisarmos a experiência do escritor Caio Fernando Abreu em suas cartas/crônicas, podemos constatar a conformidade com os aspectos apresentados por Lejeune (2008). Ao



propriedade intelectual. Todavia, ao torná-las públicas, elas perdem sua característica de correspondência privada e assumem um caráter mais amplo, atingindo leitores atemporais quando compiladas e publicadas no livro *Pequenas Epifanias* (2006), pela editora Agir.

Nesse contexto, a carta se transmuta de experiência autobiográfica individual para uma dimensão mais ampla, na qual a narrativa de Caio Fernando Abreu se funde com as vivências e reflexões de seus leitores, criando uma conexão duradoura entre o escritor e seu público.

A análise do gênero carta como memorialística do eu, com base na definição de Souto Maior (2001) e no estudo de LEJEUNE (2008), revela a riqueza e complexidade desse tipo de correspondência como forma de expressão e registro autobiográfico. A carta, ao mesmo tempo em que se enquadra em um pacto de verdade e compromisso histórico, também apresenta nuances ficcionais inerentes à memória e às escolhas narrativas de seus autores.

No caso específico de Caio Fernando Abreu, suas cartas adquirem um caráter mais abrangente ao serem direcionadas ao público leitor, transcendendo o âmbito individual e tornando-se uma experiência compartilhada. Nesse contexto, o gênero carta se revela como um poderoso veículo de construção e preservação das memórias individuais e coletivas, perpetuando-se como testemunho das vivências e reflexões de seus remetentes.

Assim, a carta assume o papel de uma janela para a alma do escritor e um espelho para os leitores, possibilitando um diálogo íntimo e atemporal entre ambos, marcando, assim, a eternidade das palavras escritas e a imortalidade das experiências compartilhadas.

4. A Trilogia "Além dos Muros": Análise do Hibridismo entre Carta e Crônica

Adentramos ao cerne de nossa pesquisa, apresentando o recorte que compõe o corpus de análise. Conforme já delineado, os gêneros carta e crônica constituem as marcas distintivas nas obras de Caio Fernando Abreu, e é a partir dessa premissa que selecionamos três títulos que se destacam pelo hibridismo entre carta e crônica, além de estarem intrinsecamente entrelaçados aos dados biográficos de Caio Fernando Abreu

Para constituir o corpus deste estudo, escolhemos, dentre a vasta produção de Caio Fernando Abreu, as seguintes crônicas/cartas: A primeira carta além do muro, A segunda carta além do muro e A Última carta além do muro. Os compõem a obra *Pequenas Epifanias*, publicado pela editora Agir em 2006, e foram escolhidos por se enquadrarem no gênero híbrido carta-crônica.



a um contexto marcado pela descoberta de sua doença, a AIDS. Publicadas em um período de quinze dias em agosto e setembro de 1994, essas três obras compõem um conjunto literário único, no qual Caio revela suas angústias, anseios, memórias e aprofunda-se em devaneios poéticos, culminando em uma narrativa que mescla realidade e ficção de forma singular.

Ao observarmos a sequência dessas escritas, torna-se evidente a construção de um diálogo contínuo entre o autor e o leitor, bem como uma progressão em relação ao conteúdo e ao tom narrativo.

A carta/crônica intitulada A primeira carta além do muro, publicada em 21 de agosto de 1994, meses após a descoberta da doença de Caio Fernando Abreu, conserva um misto de mistérios e memórias, características do gênero literário escolhido pelo autor. O título da obra remete a uma carta, mantendo o formato tradicional das cartas datadas e com saudações, mas também apresenta traços de uma crônica nas primeiras linhas, onde o narrador declara:

Alguma coisa tão estranha que ainda não aprendi o jeito de falar claramente sobre ela. Quando souber finalmente o que 26 foi, essa coisa estranha, saberei também esse jeito. Então serei claro, prometo. Para você, para mim mesmo. Como sempre tentei ser. Mas por enquanto, e por favor, tente entender o que tento dizer. (ABREU,2006, p. 106)

O narrador sente a necessidade de compartilhar o que está acontecendo, mesmo sem entender completamente o ocorrido. Ele busca um interlocutor desconhecido, alguém que possa dar-lhe respostas antes mesmo de saber sobre o assunto. Essa interação confessional aproxima a obra da autobiografia. Desta forma a ficção entra em cena por meio dos devaneios e mistérios que iniciam a primeira carta.

Na sequência, após desviar-se dos devaneios, a narrativa se volta para uma descrição dolorosa, relacionada à vida de Caio, cuja biografia foi marcada pelos sintomas da AIDS, e que agora se manifestam através do narrador, estabelecendo uma relação confessional que nos remete à autobiografia.

Com extrema dificuldade, o narrador se expressa:

É com terrível esforço que te escrevo. E isso agora não é mais apenas uma maneira literária de dizer que escrever significa mexer com funduras – como Clarice, feito Pessoa. Em Carson McCullers doía fisicamente, no corpo feito de carne e veias e músculo. Pois é no corpo que escrever me dói agora. Nestas duas mãos que você não vê sobre o teclado, com suas veias inchadas, feridas, cheias de fios e tubos plásticos ligados a agulhas enfiadas nas veias para dentro das quais escorrem líquidos que, dizem, vão me salvar. (ABREU,2006, p. 106)



Lispector e Fernando Pessoa, reforçando o "pacto autobiográfico" ao descrever a experiência de suas veias inchadas, feridas e ligadas a tubos plásticos que conduzem líquidos que o salvam. Essa descrição detalhada do ambiente hospitalar nos leva a transitar entre a literatura ficcional e a realidade vivida por Caio. Como bem argumenta Schollhammer (2009) “[...] a realidade é “lida” como se fosse literatura, e a literatura é levada em conta como se fosse realidade.” (2009, p.129), a obra de Caio abraça essa interseção, em que a realidade é interpretada como literatura e a literatura é tratada como realidade. Esses elementos narrativos aproximam a literatura de Caio da sua vivência, tornando-a complementar à sua vida.

Essa interligação entre a literatura e a experiência real é um traço distintivo das cartas/crônicas de Caio Fernando Abreu. Ao mesclar elementos biográficos e ficcionais, o autor nos conduz por uma jornada literária que nos leva a refletir sobre questões universais da existência humana. Através desse "pacto autobiográfico", Caio nos convida a mergulhar em sua própria dor, seus anseios e suas reflexões, enquanto exploramos o vínculo entre arte e vida, uma marca inconfundível do seu estilo literário.

Prosseguindo, a narrativa retrata procedimentos médicos que assustam o narrador: "Houve depois a máquina redonda feita uma nave espacial onde enfiaram meu cérebro para ver tudo que se passava dentro dela. E viram, mas não me disseram nada." (ABREU, 2006, p.107). Mais uma vez, o narrador nos remete aos acontecimentos da vida de Caio de forma literária, o que confirma a afirmação de Klinger de que a ficção sobressai à autobiografia, uma vez que o autor prioriza a concepção de um texto artístico, utilizando sua vida como matéria-prima para a criação artística, ao invés de simplesmente relatar fatos da sua vida.

Lejeune (2008) destaca a responsabilidade do autor em definir o que pode ser real em seu discurso, uma vez que o leitor não conhece a "pessoa real", embora acredite em sua existência. Portanto, a capacidade de produzir e imaginar o discurso é do autor, e cabe ao leitor confiar no pacto estabelecido. No fragmento a seguir, percebemos essa responsabilidade do autor quando ele descreve sua preocupação com o destino de suas palavras dolorosas:

Minha única preocupação é conseguir escrever estas palavras – e elas doem, uma por uma – para depois passá-las, disfarçando, para o bolso de um desses que costumam vir no meio da tarde. E que são doces, com suas maçãs, revistas. Acho que serão capazes de levar esta carta até depois dos muros que vejo a separar as grades de onde estou daquelas construções brancas, frias. (ABREU, 2006, p.107)



e cura para o narrador, que busca encontrar em cada palavra escrita uma espécie de remédio que não apenas promova seu reestabelecimento físico, mas também alcance sua alma. Essa reflexão confessional revela o poder terapêutico que a escrita exerce sobre o autor, como uma forma de enfrentar seus sentimentos e angústias.

A carta/crônica A primeira carta além dos muros não apresenta a assinatura do remetente durante a narrativa, mas é possível identificar a autoria, uma vez que foi publicada em uma coluna regularmente assinada por Caio Fernando Abreu no jornal O Estado de São Paulo. Nesse sentido, Lejeune (2008) destaca que a característica do texto autobiográfico está na seção inicial do texto, onde o narrador assume um compromisso junto ao leitor, comportando-se como o autor, deixando claro que o "eu" se refere ao nome escrito na capa do livro, mesmo que o nome não seja mencionado no texto.

Encerrando a primeira carta/crônica, Caio reitera a necessidade de continuar escrevendo sobre os últimos acontecimentos de sua vida: "Escuta bem, vou repetir no teu ouvido, muitas vezes: a única coisa que posso fazer é escrever, única coisa que posso fazer é escrever." (ABREU, 2006, p. 108). De acordo com o fragmento, a escrita servia como uma espécie de válvula de escape e a cura que o narrador procurava era encontrar em cada palavra escrita, como doses de um remédio que além do reestabelecimento físico lhe chegava à alma. Isso reforça a importância da literatura como meio de expressão e catarse para o autor, permitindo-lhe enfrentar suas dificuldades através da palavra escrita.

Dessa forma, as cartas/crônicas de Caio Fernando Abreu revelam uma estreita relação entre arte e vida, em que a literatura se torna uma forma de ressignificar experiências e encontrar sentido em meio às adversidades da existência humana.

Após duas semanas da publicação do primeiro escrito, Caio Fernando Abreu divulga a carta/crônica intitulada A Segunda Carta para Além dos Muros, elaborada por Caio Fernando Abreu e publicada no dia 4 de setembro de 1994 no jornal O Estado de S. Paulo. Nesta segunda correspondência, o autor prossegue com seu relato, compartilhando uma narrativa simbólica que mescla sua experiência pessoal com a doença que o acomete e elementos ficcionais.

No início da carta/crônica, o narrador não menciona diretamente o diagnóstico da sua condição médica, transmitindo uma sensação de tranquilidade por meio de uma escrita suave e poética. Ao descrever os funcionários do hospital e amigos como "anjos", Caio estabelece uma metáfora simbólica que confere diferentes atribuições a cada um desses seres celestiais, conforme se pode inferir no trecho a seguir:



Que no caminho do inferno encontrei, naturalmente, também demônios. É a hierarquia inteira dos servidores celestes armada contra eles. Armas do bem, armas da luz: no pasaran! Nem tão celestiais assim, esses anjos. Os da manhã usam uniforme branco, máscaras, toucas, luvas contra infecções, e há também os que carregam vassouras, baldes com desinfetantes. Recolhem as asas e esfregam o chão, trocam lençóis, servem café, enquanto outros medem pressão, temperatura, auscultam peito e ventre. Já os anjos debochados do meio da tarde vestem jeans, couro negro, descoloriram os cabelos, trazem doces, jornais, meias limpas, fitas de Renato Russo celebrando a vitória de Stonewall, notícias da noite (onde todos os anjos são pardos), recados de outros anjos que não puderam vir por rebordosa, preguiça ou desnecessidade amorosa de evidenciar amor. (ABREU, 2006, p. 109)

A partir desse ponto, surgem indícios de que a morte se aproxima, representados pela visão do narrador além dos muros, com menções densas que retratam a perspectiva de um cemitério. A oscilação entre a realidade e a ficção na escrita do autor é percebida quando ele expressa momentos de lucidez e momentos influenciados pela medicação, os quais podem ser interpretados como devaneios, como se infere da seguinte passagem:

[...] abro janelas para os anjos eletrônicos da noite. Chegam através de antenas, fones, pilhas, fios. Parecem-se às vezes com Cláudia Abreu (as duas, minha brava irmã e a atriz de Gilberto Braga), mas podem ter a voz caidaça de Billie Holiday perdida numa FM ou os vincos cada vez mais fundos ao lado da boca amarga de José Mayer. Homens, mulheres, você sabe, anjos nunca tiveram sexo. E alguns trabalham na TV, cantam no rádio. Noite alta, meio farto de asas ruflando, liras, rendas e clarins, despenco no sono plástico dos tubos enfiados em meu peito. E ainda assim eles insistem, chegados desse Outro Lado de Todas as Coisas. Reconheço um por um. Contra o fundo blue de Derek Jarman, ao som de uma canção de Freddy Mercury, coreografados por Nureiev, identifico os passos bailarinos-nô de Paulo Yutaka. Com Galizia, Alex Vallauri espia rindo atrás da Rainha do Frango Assado e ah como quero abraçar Vicente Pereira, e outro Santo Daime com Strazzer e mais uma viagem ao Rio com Nelson Pujol Yamamoto. Wagner Serra pedala bicicleta ao lado de Cyril Collard, enquanto Wilson Barros esbraveja contra Peter Greenaway, apoiado por Nelson Perlongher. Ao som de Lóri Finokiario, Hervé Guibert continua sua interminável carta para o amigo que não lhe salvou a vida. Reinaldo Arenas passa a mão devagar em seus cabelos claros. Tantos, meu Deus, os que se foram. Acordo com a voz safada de Cazuza repetindo em minha orelha fria: “Quem tem um sonho não dança, meu amor”.(ABREU, 2006, p. 110)

Essa alternância entre a realidade e a ficção pode ser associada à teoria de Bachelard (2006) sobre a memória seletiva do sujeito, que retém atos desconexos e, possivelmente, faz referências a um mundo pop contemporâneo.

A citação de nomes de personalidades públicas, como Renato Russo, Freddy Mercury, Reinaldo Arenas e Cazuza, que também foram diagnosticadas com o vírus HIV, evidencia a



preocupação do narrador com seu próprio destino incerto. O temor em relação ao futuro iminente é expresso na seguinte lamentação do autor: "Tantos, meu Deus, os que se foram" (ABREU, 2006, p. 110).

Ao concluir a carta/crônica, Caio retorna à imagem dos "anjos" descritos previamente, sugerindo que o caminho que ele supunha ser o do inferno está, na verdade, repleto de anjos, com "aquilo que suja treva" guardando "seu fio de luz" (ABREU, 2006, p. 110). Essa rede de asas, representativa do apoio e proteção, simboliza a tentativa do narrador de equilibrar-se na corda bamba da vida, mesmo diante do abismo iminente.

Dessa forma, A Segunda Carta para Além dos Muros, é um relato simbólico e autobiográfico que expressa a dualidade entre a realidade e a ficção, o enfrentamento da doença e a busca por significado diante das incertezas da existência humana. Através de metáforas e devaneios, Caio Fernando Abreu apresenta sua jornada, refletindo sobre a presença dos "anjos" em sua trajetória e as implicações da finitude da vida.

Seguindo um intervalo de quinze dias desde a publicação da segunda carta/crônica, Caio Fernando Abreu presenteia o público com A Última Carta Além dos Muros, concluindo, assim, a trilogia que ostenta esse título. Nesta terceira correspondência, o narrador renova o pacto com o leitor, adotando um tom confessional e revelador, ao declarar:

Imagino que você tenha achado as duas cartas anteriores obscuras, enigmáticas como aquelas dos almanaques de antigamente. Gosto sempre do mistério, mas gosto mais da verdade. E por achar que esta lhe é superior te escrevo agora assim, mais claramente. Não vejo nenhuma razão para esconder. Nem sinto culpa, vergonha ou medo" (ABREU, 2006, p. 112).

Neste contexto, o narrador demonstra segurança e determinação ao revelar o que havia sido ocultado nas cartas anteriores. Como salientado por Klinger (2007), autores de auto ficção pretendem enfatizar a ambiguidade entre ficção e realidade, valorizando, sobretudo, a "verdade da arte", ao invés de meramente reproduzir fatos. Através desse vínculo renovado com o leitor, Caio estabelece uma conexão ainda mais profunda com aqueles que o acompanham e aguardam ansiosamente a conclusão de suas escritas "além dos muros".

O encerramento da trilogia é marcado por um balanço, conforme sugerido por Lejeune (2008), em que a última carta desempenha o papel de finalizar um ciclo iniciado pelas duas cartas anteriores. As reflexões sobre a AIDS, tema considerado tabu na época, são abordadas com coragem e libertação, evidenciando que o narrador não se importa com o julgamento alheio, mas sim com a compreensão daqueles que o cercam. Nas palavras do próprio Caio:



Sei que você compreende. Sei também que, para os outros, esse ~~science fiction só dá em gente maldita. Para esses, lembra Cazusa: "Vamos pedir piedade, Senhor, piedade pra essa gente careta e covarde"~~ (ABREU, 2006, p. 113).

Superada a crise de aceitação, o narrador mostra-se pronto para abraçar a vida contemporânea ao lado de seus amigos, encerrando não apenas a terceira carta, mas a trilogia das "cartas além dos muros". Ao narrar suas experiências, Caio retoma as rédeas de sua própria vida, vivendo o presente sem planos futuros e sem a melancolia do que poderia ter sido.

De fato, ao longo da trilogia "Além dos Muros", fica evidente o hibridismo entre dois gêneros literários distintos: a carta e a crônica. Caio Fernando Abreu utiliza habilmente elementos de ambas as formas de escrita, criando uma narrativa singular que transcende as fronteiras tradicionais desses gêneros.

A carta, por natureza, é um gênero de comunicação pessoal e intimista, muitas vezes dirigida a um destinatário específico. Nesse sentido, a primeira pessoa do singular é uma presença constante nas cartas, expressando emoções, pensamentos e experiências íntimas do autor. Esse tom confessional confere um caráter mais subjetivo à escrita, aproximando o leitor da perspectiva do narrador.

Por outro lado, a crônica é um gênero caracterizado por sua abordagem cotidiana e reflexiva sobre acontecimentos e situações do dia a dia. Em geral, a crônica possui uma estrutura mais solta e informal, permitindo ao autor explorar diferentes temas e desenvolver uma visão particular sobre o mundo que o cerca. Dessa forma, a crônica oferece uma maior liberdade na escolha dos assuntos abordados.

Ao combinar esses dois gêneros, Caio Fernando Abreu cria cartas que não se limitam apenas à comunicação pessoal, mas também incorporam elementos da crônica em sua narrativa. Suas cartas não são apenas relatos direcionados a um destinatário específico, mas também se tornam crônicas, explorando temas universais e reflexões sobre a vida e a sociedade.

Além disso, o autor utiliza recursos literários comuns à crônica, como descrições vívidas e detalhadas de ambientes e personagens, diálogos autênticos e um tom leve e fluido de escrita. Esses elementos conferem um caráter mais próximo ao da crônica, tornando a leitura agradável e envolvente para o público.

Em resumo, a trilogia "Além dos Muros" de Caio Fernando Abreu é um exemplo notável de como o hibridismo entre a carta e a crônica pode enriquecer a produção literária. Ao combinar a abordagem pessoal e confessional da carta com a liberdade temática e



5. Considerações Finais

Ao longo desta produção, buscamos analisar e compreender a relação do hibridismo entre os gêneros carta e crônica na obra de Caio Fernando Abreu, um notável escritor da literatura brasileira contemporânea. Através dessa análise, foi possível explorar como o autor utiliza de forma magistral a mescla desses gêneros para criar narrativas envolventes e cativantes, que ultrapassam as fronteiras tradicionais da escrita literária.

Inicialmente, identificamos as características marcantes da crônica como parte das escritas do eu. Nesse contexto, a crônica se torna um espaço de expressão do eu, permitindo ao autor compartilhar seus pensamentos, emoções e reflexões de forma intimista com o leitor. Através dessa abordagem, Caio Fernando Abreu revela sua subjetividade e constrói um diálogo direto com o leitor, estabelecendo uma conexão profunda e pessoal.

Além disso, observamos como o gênero carta desempenha um papel significativo na obra de Caio, funcionando como uma memorialística do eu. As cartas escritas pelo autor são carregadas de emoção e sentimento, revelando aspectos de sua vida e experiências pessoais. A carta se torna uma forma de autorreflexão e autorrepresentação, permitindo ao autor explorar sua própria identidade e narrar sua história de maneira única e autêntica.

Por fim, a análise da trilogia "Além dos Muros" evidenciou o hibridismo presente em toda a obra de Caio Fernando Abreu, revelando sua habilidade em mesclar os gêneros carta e crônica para criar narrativas profundas, autênticas e repletas de significado.

Diante do exposto, podemos concluir que o hibridismo entre os gêneros carta e crônica é uma característica central e marcante na obra de Caio Fernando Abreu. Sua escrita envolvente e cativante transcende os limites tradicionais da literatura, proporcionando ao leitor uma experiência única de conexão com o eu do autor e com as complexidades das emoções humanas. A obra de Caio é um exemplo notável de como a literatura pode ser uma expressão genuína do eu, enriquecendo o cenário literário brasileiro contemporâneo e inspirando leitores e pesquisadores a explorar as fronteiras da escrita híbrida entre a carta e a crônica. Dessa forma, este estudo contribui para a compreensão e valorização do legado literário de Caio Fernando Abreu, bem como para o enriquecimento do conhecimento sobre o hibridismo de gêneros na literatura brasileira contemporânea.



6. Referências

- ABREU, Caio Fernando, 1948-1996. **Pequenas Epifanias**. Rio de Janeiro: Agir, 2006.
- . **Caio 3 D: O essencial da de 1990**; apresentação por Marcelo. Rio de Janeiro: Agir, 2006.
- COIMBRA, Rosicley Andrade. **Caio Fernando Abreu ao som de um melancólico blues: Literatura & experiência em Morangos Mofados**. In: CAMARGO, Flávio Pereira e CARDOSO, João Batista. *Narrativa Brasileira Contemporânea*. São Paulo: Fonte Editorial, 2016. p.261-286.
- BACHELARD, Gaston, 1884-1962. **A poética do devaneio**; tradução Antonio de Pádua Danesi; revisão da tradução Alain Marcel Mouzat, Mario Laranjeira. – 2ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- CALLEGARI, Jeanne. **Caio Fernando Abreu: inventário de um escritor irremediável**. — São Paulo: Seoman, 2008.
- CANDIDO, Antonio. **A vida ao rés-do-chão**. In: Candido, Antonio et al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Ed. Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 1992. p. 13-22.
- DIP, Paula. **Para sempre teu, Caio F. – cartas, memórias, conversas de Caio Fernando Abreu**. 3ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2011.
- KLINGER, Diana. **Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão. 5º Ed. Campinas: Editora da UNICAMP. 2003.
- LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet**. Organização: Jovita Maria Gerheim Noronha; tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- SÁ, Jorge. **A crônica**. 3 ed. São Paulo: Ática, 1989.
- SIMON, Luiz Carlos Santos. **Impasses da crônica**. In: *Anais do IV Congresso de Letras da UERJ – São Gonçalo*, 2007.
- SOUTO MAIOR, Ana Christina. **O gênero carta – variedade, uso e estrutura**. In: *Ao pé da letra: revista dos alunos de graduação em letras*. Recife: UFPE, Dezembro de 2001, Vol. 3.2, p.1-13.
- SCHOLLHAMMER, Karl Erik. **Ficção brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. – (Coleção contemporânea: Filosofia, literatura e artes).
- STAIGER, Emil. **Conceitos fundamentais da poética**; tradução de Celeste Aída Galeão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1972.